



entrevista com
VOLMI BATISTA

Entrevista com Volmi Batista da Silva, músico e produtor cultural. Nascido em Vazante-MG em 27 de agosto de 1957. Entrevista realizada na VBS Produções e Eventos, em Candangolândia-DF, dia 09 de fevereiro de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Domingos: Volmi, você é de onde?

Volmi: Eu sou mineiro, da cidade de Coromandel. Na verdade, eu sou da roça, mas eu vivi alguns anos, uns três, quatro anos da minha infância, eu vivi em Coromandel, Minas Gerais. Nasci mesmo, nasci no município de Vazante, só que o lugar que eu nasci é mais perto de Coromandel que da cidade de Vazante. Fui pra Coromandel pra estudar e eu me considero coromandelense. Mas eu cheguei em Brasília com 14 anos de idade. Então eu posso me considerar também um brasiliense, um candango! *[Risos.]*

Domingos: Como foi a vinda?

Volmi: Como toda família pobre, quando migra para alguma cidade a gente vai parando. Então eu saí de Coromandel com 11 anos de idade, morei um ano em Vazante, na cidade. Na verdade, eu nasci no município dela, depois morei mais um ano em Paracatu. E vim chegar em Brasília já depois, já com 14 anos. Saí de Coromandel com 11 cheguei em Brasília com 14! *[Risos.]* Rolando pelas estradas até chegar aqui. Toda família pobre do interior geralmente faz essas paradas pra poder ir conseguindo alcançar os objetivos da vida.

Domingos: E nesse percurso, você lembra se já tinha alguma coisa de viola?

Volmi: Sim, a música. Coromandel é uma cidade importante, inclusive no cenário musical brasileiro, porque Coromandel teve dois grandes nomes na música popular brasileira: um é o clarinetista Abel Ferreira e o outro é o Goiá, o poeta Goiá, que até hoje, depois de mais de trinta anos da morte dele, ele ainda é considerado um dos maiores poetas da música sertaneja. Então esse clima, esse ar, lá em Coromandel existe até hoje, e eu pude respirar esse ar de música. Coromandel é uma cidade muito musical, então eu acho que eu me inspirei um pouco nisso. Porque minha família, embora tenha formações assim, de musicalidade, na minha família tinha, a minha avó era chamada pra cantar nos pagodes na roça. Ela cantava à capela e dizem, eu não pude presenciar, que ela animava os pagodes assim, cantando à capela. Eu cheguei até a cantar com ela, depois que ela já estava velhinha, com 80 anos. E tenho notícias também de que meus tios tocavam cavaquinho nas Folias e tal. E eu tenho também lembrança das Folias, quando menino, na roça, nos pousos de Folia, na fazenda onde eu morava, eu tenho lembrança. Aquela coisa de menino, de ir, pra enquanto os foliões estavam jantando e tal a gente ia lá mexer nos instrumentos ali, no cavaquinho, na viola, na sanfona. Então essa lembrança eu tenho, mas meu primeiro contato com música foi no circo, em Vazante. Quando eu morei em Vazante eu comecei a frequentar circos de touradas, que tinha lá as famosas touradas, que iam duplas de violeiros. E aí eu tinha um colega na época, um primo meu inclusive, a gente saía do circo e ia pra rua, sentava na rua e começava a cantar, tentando imitar as duplas que se apresentavam no circo. Então quando eu cheguei em Brasília eu já trouxe essas lembranças musicais. Mas nenhum contato com o instrumento. Eu fui ter contato com instrumento bem depois e uma coisa assim, bem dramática pra mim, que foi o contato com outro tipo de música que eu não conhecia... Pois quando eu cheguei em Brasília, com 14 anos, eu comecei a ter um contato

com a música, principalmente com a música nordestina, que era muito forte aqui em Brasília, nos anos setenta ainda - eu cheguei aqui em 1971. E aí foi quando eu comecei a ouvir Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, que foi uma coisa assim, pra mim... Que música é essa? E comecei a me interessar. E também, logo no mesmo momento, também comecei a conhecer o rock'n roll, música estrangeira de maneira geral, mas principalmente o rock'n roll, que naquela época já tinha aí Raul Seixas fazendo uma música bem interessante... Daí me apaixonei por aquilo e acabei me afastando um pouco, talvez uns dez anos, acabei me afastando das minhas raízes mesmo, da origem caipira. Foi um choque que eu tive, só depois de uns dez anos que eu conheci Zé Mulato e Cassiano, que eu comecei a ouvir rádio, ouvi eles no rádio, comecei a conviver um pouco no meio, que eu fui... O próprio sentimento foi me trazendo de volta. Aí eu conheci a viola caipira mais assim, fisicamente. Aí que eu falei, minha coisa não é essa, minha coisa é a outra, a música caipira. Mas até hoje a música em mim é de maneira geral universal, não tenho... Eu adotei a cultura caipira porque é a minha origem e porque eu acho mais como uma causa mesmo do que como um gosto pessoal, entendeu? Como um sentimento pessoal. É mais como uma causa. Porque eu, na minha vida todinha eu sempre fui ligado às causas importantes, principalmente as necessidades da sociedade brasileira, de todos os sentimentos mundiais. Eu acho que a viola caipira, sem dúvida, e a música caipira, por consequência, é das músicas mais importantes no Brasil e mais discriminada em toda a história da música brasileira. Então talvez esse sentimento pra mim seja mais forte do que a própria ligação musical, o próprio sentimento musical. Pra mim o sentimento musical é universal, mas a causa com a viola e com a música caipira é mais uma coisa de valorizar mesmo e divulgar esse gênero.

Domingos: E no Distrito Federal, tem essa identificação das pessoas com a viola caipira?

Volmi: Pois é, nessa época, quando, final dos anos setenta, início dos anos oitenta, a coisa era terrível mesmo, era uma coisa, vamos dizer assim, de polícia! *[Risos.]* Porque a discriminação era terrível com relação não só à música caipira, viola caipira, era com a música popular brasileira de maneira geral. Porque foi a época da invasão da música estrangeira no Brasil, foi quando começou a chegar as multinacionais, as gravadoras multinacionais. E começaram a empurrar mesmo assim os artistas brasileiros pra poder mudar, enfim, soterrar as tradições musicais brasileiras. Então foi quando eu achei que devia me aprofundar um pouco mais nisso aí, de valorizar mesmo esse gênero.

Domingos: E quando você chegou aqui em Brasília, onde você foi morar?

Volmi: Cheguei, fui morar em Taguatinga. Morei dez anos em Taguatinga e foi bem legal porque Taguatinga, até hoje, ainda é a segunda cidade maior do DF, depois do plano piloto. E Taguatinga era assim, o que não acontecia no plano piloto acontecia em Taguatinga. E eu tive a oportunidade na época de conviver no SESI em Taguatinga, que era uma grande escola de cultura, também fora do plano piloto. E eu comecei com teatro, no meio cultural eu comecei fazendo teatro lá no grupo Oficina do SESI, em Taguatinga, que não tinha nada a ver com música, principalmente com música caipira, mas isso foi lá em 1977, 1978, por aí. Eu já

gostava, já estava tentando tocar alguma coisa, mas meu sentimento era cultura de maneira geral. Então eu fiz teatro, fiz cineclubismo, foi das linguagens da cultura que eu atuei mais nessa época. Música eu ainda não tinha noção do que eu poderia fazer. Era mais um divertimento, uma coisa que eu gostava. Foi interessante, nessa época, que eu conheci uma banda de baile, chamava *Raolino Supersom 2000*, em Taguatinga, que o vocalista era o Jessé, o grande cantor da música popular brasileira. E eu já [trabalhava], porque na minha época, menino com quatorze, quinze anos, trabalhava, né? Eu trabalhava e muito, tinha emprego mesmo. E eu matava serviço pra ir assistir ensaio deles. Mas mineiro diz o seguinte... Minas tem um ditado que diz: o mineiro sai de Minas, mas Minas não sai do mineiro. E a música caipira e viola é a mesma coisa. Você pode sair da música caipira, mas ela não sai de você. Então, mesmo com essas influências que tive na época, assim que eu botei a cabeça no lugar percebi que essa era a minha origem, com a cultura caipira. Aí eu conheci Zé Mulato e Cassiano, conheci outros expoentes na época, da música caipira, que me fizeram voltar às origens assim, verdadeiramente. Então eu comecei a frequentar ambientes que tinham música e viola caipira e os principais eram o Zé Mulato e Cassiano.

Domingos: E onde que acontecia essas coisas mais “caipiras”?

Volmi: Pois é, como eu falei, em Taguatinga, onde eu fui morar, o SESI era grande, era o espaço onde as coisas aconteciam. Fora do plano piloto era no SESI em Taguatinga. Então lá tinha um programa chamado “Ranchinho de palha”, era um programa de rádio e que ele fazia também, Euclides de Freitas. Inclusive você entrevistou a dupla Advogado e Engenheiro, o Euclides era genro do seu João [Pedro da Silva]. O Euclides de Freitas que tinha esse projeto chamado “Ranchinho de palha”, que era um programa de rádio e um programa de auditório. E nessa época vieram a Brasília vários artistas famosos da época, que era o Carreirinho, que na época ele cantava com a Zita, Zita, Carreiro e Carreirinho. Veio Tonico e Tinoco. Um que eu não pude ver, aliás, eu nem sei se ele veio na época foi o Tião Carreiro e Pardinho. Mas eu comecei a frequentar esse ambiente aí, aí fui voltando às origens. Logo no final já dos anos oitenta eu já tive um trabalho com um trio que era eu tocando viola, tinha um parceiro que tocava violão e a primeira voz muito boa e um sanfoneiro.

Domingos: Lembra o momento em que reencontrou a viola? Quem foi a influência principal com quem você começou a aprender a tocar?

Volmi: Bicho, isso é importante. Porque até nesse momento eu era mais um curioso. O sentimento batia forte, mas eu não pensava que fosse tocar viola. Naquele momento eu podia tocar tudo, podia tocar guitarra ou outro instrumento. E eu gostava mesmo de cantar. Então tem uma viola aqui em cima que tem uma história interessante, não sei se vale a pena contar essa história dessa viola, porque foi exatamente no ano de 1980. Eu fui numa pescaria aqui no rio Urucuia e tinha nessa pescaria um grupo grande. Morreu um rapaz que estava no grupo de pescaria, morreu afogado numa lagoa. E depois de muita procura, foi mais de um dia de muita procura pelo corpo da pessoa, os bombeiros não conseguiam

encontrar. Aí falaram de um senhor que tinha lá na região que era um curandeiro e que ele conseguia, ele fazia umas orações e conseguia... Disseram que ele resolvia tudo lá e chamaram ele. O apelido dele era Tieli. Até hoje não sei qual o nome verdadeiro dele. Mas chamaram o Tieli. O Tieli chegou lá na lagoa, fez umas orações ali, tal e falou “olha, o corpo dele está nesse lugar.” Aí o bombeiro mergulhou, no local certinho que ele apontou, e conseguiu encontrar o corpo do rapaz. Em seguida a gente estava pescando e acabou, tinha acabado a pescaria e tal. E ele chamou a gente, eu mais três colegas que estavam lá, pra ir conhecer o rancho dele, aonde ele morava, ele morava num rancho à beira do rio. Chegando lá... Eu ia pra pescaria e levava um violãozinho e cantava umas musiquinhas e tal, muito mal. E ele falou: “vou fazer um café pra vocês.” Então ele adentrou ao rancho dele e eu sentei mais um outro amigo assim num banco lá de fora, do lado de fora do rancho e comecei a tocar uma musiquinha lá no violão. De repente ele apareceu com aquela viola ali tocando nela *[aponta pra uma viola rústica e antiga]*. Eu juro que eu ouvi o som da viola. Ele apareceu tocando e dançando assim, fazendo umas brincadeiras com a viola na mão e tal. E eu via aquele instrumento... Fiquei paralisado. De repente eu parei de tocar e ele parou de tocar também. Ele veio e me entregou a viola. Quando eu olhei a viola, não tinha corda, estava sem corda. *[Pausa, emocionado]* Eu me emociono muito quando eu falo dessa história, sabe? Não é comum pra mim... Bom, o Tieli... Aí ele pegou... A gente tomou o café dele, tal. Quando a gente ia embora, ele falou: “leva essa viola pra você”. Eu falei: “não, isso aí é uma relíquia do senhor.” Antes eu tinha perguntado a ele qual a origem dessa viola. Ele disse que não sabia, que tinha herdado já dos pais dele e tal. E aí ele falou: “leva pra você.” Falei: “não, mas não vou levar uma coisa que é pessoal.” Ele falou: “não, pode levar.” E eu trouxe, está até hoje comigo, é um amuleto. Na época eu consertei ela, ela tinha umas rachaduras e tal, eu botei corda e tal. E cheguei a me apresentar com ela, sempre chamava muita atenção, sempre chamava muita atenção porque ela é muito bonita e tal. E aí nunca mais tive contato com ele. Na verdade, eu sempre procurei encontrar, reencontrar ele, mas ele era meio nômade. Ele não vivia num lugar só, que ele trabalhava pra ajudar as pessoas assim, tipo curar. Ele fazia raizadas e tal. Encontrei até uma vez um filho dele que mora aqui na cidade do Gama, mas ele ficou de me avisar quando ele viesse aqui, mas enfim, nunca o reencontrei. Então, essa viola, eu lembro que levei ela pro Zé Mulato e Cassiano conhecer, eles não deram muita bola, tipo assim, pra eles era uma coisa normal, porque eles começaram a tocar com instrumentos rústicos assim, a gente chama instrumentos feitos a canivete. Eles não deram bola, tal. Enfim, essa viola pra mim, ela foi quem me deu uma força, uma inspiração pra eu realmente abraçar a viola caipira como instrumento. Até hoje eu uso, usei na capa do disco, nas capas dos discos de Zé Mulato e Cassiano que produzo, sempre que posso, todos os meus trabalhos, sempre que posso uso ela como elemento de ilustração. E hoje uso ela mais pra exposições, que eu faço exposições de instrumentos, de vários tipos de viola e ela está sempre ali como a principal.

Tati: Qual que é?

Daniel: Você pode mostrar?

Volmi: Vou tentar tirar aqui. [*Retira a viola de cima da estante onde estava guardada*]. Essa é a viola.

Domingos: Linda, não?

Volmi: Então, não tenho assim uma noção de tempo dessa viola, de que ela foi feita... Mas pra mim ela é um instrumento sagrado mesmo. Pois dá pra imaginar pelas mãos em que essa viola passou e as funções que ela exerceu. Porque a viola, principalmente na época que eu imagino que essa viola foi feita, ela foi feita pra uma função, que provavelmente era Folia de Reis, que era pra tocar nas Folias. E as violas eram feitas pra isso, elas eram feitas especificamente pra alguma função. Algumas delas, inclusive que eu digo assim, da época que eu imagino dessa viola, elas eram feitas como sagrado mesmo, como um objeto sagrado que só tinha aquela função mesmo. Tocava nas Folias e depois elas eram colocadas, às vezes até num altar, que ali permanecia durante todo o período, o espaço entre um ciclo de Folia e outro. Às vezes atuava em outras funções, porque as violas serviam muito nessas funções de festas religiosas. Então, por exemplo, hoje está pouco difundido as Folias de São Gonçalo, a Folia de São Benedito, Folias de Nossa Senhora, várias Nossas Senhoras... As Nossas Senhoras são muitas: Nossa Senhora da Abadia, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Aparecida, Nossa Senhora de Fátima... Então, hoje infelizmente essas Folias estão acontecendo menos, mais presente hoje é Reis e Divino. Folia de Reis e Folia do Divino continuam fortes, e às vezes São Sebastião também. Então imagino quantas funções essa viola exerceu na vida, não é? Mas hoje ela é apenas um objeto de curiosidade.

Domingos: A história do Clube do Violeiro Caipira, como é?

Volmi: Pois é. Aquilo que eu estava falando... Devido a esse meu sentimento de preservação e de valorização da cultura popular brasileira de maneira geral, eu abracei a causa da música, da viola caipira. Nos anos oitenta conheci o Roberto Corrêa, o professor, na época ele estava iniciando também, mas já era uma pessoa que valorizava muito esse gênero. Comecei a estudar viola com ele, mas não fui muito adiante não. E comecei a perceber isso, já estava percebendo essa questão da discriminação com o gênero da música da viola caipira. Como eu falei, em Brasília era criminoso mesmo o que se fazia, porque foi exatamente nesse período que se começou a implantar em Brasília aquela ideia de capital do rock, que não era verdade. Embora como já falei também, eu entendo a música de maneira universal, entendeu? Não tenho discriminação com nenhum gênero musical, mas não era verdade, nunca foi verdade essa história que Brasília era capital do rock. Brasília era capital da música brasileira, inclusive da música caipira, que era muito forte nos anos oitenta em Brasília. Enfim, mas foi um fenômeno midiático que aconteceu e prejudicou muito outros gêneros musicais que aconteciam em Brasília, como por exemplo, a música caipira. E eu conheci na sequência também o Aparício Ribeiro, que também comungou desse mesmo sentimento de valorizar a viola e a gente começou esse trabalho de reunir os violeiros que tinham grande número em Brasília, mas que estavam fora da cena cultural do Distrito Federal na época. E com isso surgiu o Clube do Violeiro. O seu João [Pedro da Silva], o seu

Dico, que é o apelido dele, das *Violas Aden*, também participou na época. Tinha o Tião Violeiro... Enfim, vários outros nomes da época que participaram desse movimento inicial. A gente começou a realizar encontros de violeiros, começamos a trazer a Brasília nomes importantes nacionais que não tinham oportunidade de tocar em Brasília porque não tinha espaço. A gente começou trazendo Renato Andrade, o Zé Coco do Riachão... Começamos a trazer o pessoal da viola pra Brasília e fazendo uma interface aí com os violeiros de Brasília. O próprio Zé Mulato e Cassiano, que estavam na época em torno de dez anos sem gravar. A gente trouxe, num desses encontros, a gente trouxe o Pena Branca e Xavantinho na época, que estavam também muito na moda. E foi no momento que Zé Mulato e Cassiano se aproximou, conseguiu se aproximar da dupla Pena Branca e Xavantinho e eles os levaram a gravar de novo, porque o Xavantinho era sócio da gravadora Velas na época. E aí veio o disco “Meu céu”, do Zé Mulato e Cassiano, que esse encontro foi se não me engano foi em 1993 ou 1994. O disco só foi lançado em 1997! [Risos.] Como é que era... E [esse disco] marcou também a mudança deles do vinil, da era vinil pra era CD, porque aí quando o disco saiu, já saiu em CD. Foi o primeiro CD da carreira do Zé Mulato e Cassiano. Foi o CD “Meu céu”, que foi lançado pela gravadora Velas. Então aí que surgiu o Clube do Violeiro. O Clube do Violeiro foi registrado em cartório, se não me engano em 1993, 92 ou 93, foi registrado em cartório. Mas o movimento começou aí uns três, quatro anos antes, eu tocando com Aparício [Ribeiro]. A gente promoveu esses encontros. E de lá pra cá o Clube do Violeiro tem conseguido movimentar a cena da viola caipira aqui no Distrito Federal. Posso dizer, sem dúvida, que o Clube do Violeiro teve uma importância muito grande até hoje nessa questão de estar abrindo espaço para dar visibilidade ao potencial da música da viola caipira em Brasília. O Clube é uma associação sem fins lucrativos e que procura principalmente abrir essas portas para mostrar o que se produz, independente do violeiro fazer parte ou não da associação, como é o caso do próprio Roberto Corrêa, do Marcos Mesquita, do Cacaí Nunes... Enfim, Brasília hoje é um celeiro de bons violeiros, e aí o Clube dos Violeiros atua assim, não necessariamente em prol só de quem faz parte da diretoria e coisa assim. Tanto é que os encontros de violeiros que o clube tem promovido procuram estar sempre abrigando quem atua nesse gênero, seja tocando ou seja, por exemplo, ministrando oficinas, dando palestras. Em 1996, o Clube [do Violeiro] criou um programa de rádio. Na época tinha se criado recentemente a Rádio Cultura, que é uma emissora pública do Distrito Federal. E surgiu essa oportunidade da gente ter um programa de rádio exclusivamente pra viola. E o programa existe até hoje. É um programa que eu mantenho no ar fazendo inclusive praticamente sozinho toda a produção e locução inclusive, de apresentação do programa. Chama: “Violas e violeiros”. É um programa que está com mais de vinte anos no ar. Enfim, essa é a atuação do Clube do Violeiro. O clube também procura atuar em interface com outras organizações afins, como no caso, já em 2004 nós fundamos a Associação Nacional dos Violeiros, que agora passou a ser Associação Nacional dos Violeiros e Violeiras do Brasil, porque também hoje é um potencial muito grande, as mulheres que tocam viola no Brasil.

Domingos: O Clube do Violeiro tem vários encontros, também tem o Encontro de Folias do Distrito Federal...

Volmi: O propósito do Clube desde a sua fundação é valorizar as manifestações ligadas à viola caipira. Não só o violeiro em si, mas todas as manifestações que envolvem, porque a gente considera a viola caipira como a bandeira da cultura caipira, de maneira geral. Então a gente vem tentando, ao longo desses anos, trazer à tona as manifestações que têm a viola caipira como bandeira. E infelizmente o caminho é duro, o caminho é complicado e nesse período todo, a gente tem conseguido trazer a Folia de Reis, por quê? Porque a Folia de Reis é uma manifestação que agrega diversas outras linguagens da cultura caipira. Na impossibilidade, por exemplo, de estar valorizando a Congada, o Moçambique... As diversas danças, Catira, Curradeira, Lundu e tal... Tudo isso está dentro da Folia de Reis. É uma manifestação que agrega essas linguagens todas, essas outras manifestações. Então a gente tem trabalhado com a Folia de Reis também. A gente criou o Encontro de Folias de Reis, já há quase vinte anos que a gente tem feito esse Encontro. Porque na verdade o Encontro se torna um grande encontro da cultura popular caipira. Então no Encontro de Folias, além da manifestação propriamente dita Folia de Reis, que tem as rezas, tem os cantorios e tal. Tem a questão das outras manifestações que vão desde a comida, desde a culinária caipira, que está ali, implícita na Folia, que faz parte da Folia de Reis, a indumentária que os foliões usam, os próprios instrumentos e tal, aí vêm as danças, a Catira... Brasília está situada numa região boa. Porque aqui a gente já recebeu, por exemplo, Folias do Tocantins, da Bahia, do Rio de Janeiro, já recebemos grupos de Folias até de Santa Catarina. O Distrito Federal está circulado aqui pela Bahia, Goiás, Minas Gerais, Tocantins e tal. Então esses grupos estão mais presentes e eles trazem essa riqueza, essa diversidade cultural das danças. São diversas danças que são apresentadas, diversas formas de cantoria. E a própria apresentação dos foliões, que tem uma diversidade muito grande, tanto na linguagem, nos cantorios, quanto nesses outros elementos que eu citei. A própria indumentária... Então é muito rico isso. E aqui a gente tem essa possibilidade de fazer em Brasília.

Domingos: E no Distrito Federal, tem bastante Folias daqui?

Volmi: Quando a gente fez o primeiro encontro em 2001, tivemos apenas dois grupos do Distrito Federal. Hoje nós temos em torno de oito a dez grupos. Isso os grupos que participam do Encontro. Porque tem outros grupos, agora no último Encontro mesmo, surgiu mais um grupo, que é da cidade de Samambaia, que a gente não conhecia. Só que eles, a tradição deles é a Folia de Nossa Senhora da Abadia. Mas todo o grupo de foliões, normalmente eles fazem várias Folias. Eles fazem, eles cantam Folias de vários santos. Então, por exemplo, esse grupo é Nossa Senhora da Abadia, mas o próximo ano eles já prometeram que vão fazer Folia de Reis no Encontro. Então a cada ano surgem foliões interessados em participar do Encontro. Então, hoje tem participando do Encontro em torno de oito a dez grupos do Distrito Federal, que atuam no Distrito Federal. Geralmente eles têm só esse espaço [do Encontro de Folias] para se apresentarem, e nas suas comunidades de origem, que aí é a tradição do giro das Folias que acontece nas suas comunidades de origem.

Daniel: De que cidades são essas Folias?

Volmi: Brazlândia, Planaltina tem duas ou três em Planaltina, normalmente funcionando. São Sebastião, Gama tem duas ou três também no Gama, Lago Oeste, Ceilândia... Qual mais? É isso, basicamente. Agora Samambaia. No Guará tem também, tem um grupo no Guará mas eles ainda não estão querendo participar porque a Folia é uma manifestação devocional. Então como o Encontro acaba não sendo um espaço exclusivo pra manifestar a devoção, o Encontro é mais um encontro cultural. A gente procura dar importância para as duas coisas, tanto o [aspecto] devocional quanto o cultural. Mas um dos objetivos principais do Encontro é mostrar que essas manifestações não são meramente religiosas, que o cunho cultural dessas manifestações é tão forte e tão importante quanto o religioso. Isso é o que o encontro procura dar ênfase. Então tem grupos de Folias que procuram preservar essencialmente a parte religiosa, a devoção como dizem. E eles não dão muita importância à questão artística e cultural que traz esta manifestação. Então o Encontro de Folias de Reis do Distrito Federal tem essas diferenças. Porque encontros de Folias acontecem no Brasil de sul a norte. Mas noventa por cento eles procuram focar, dar ênfase à questão religiosa. Até porque a maioria dos encontros que acontecem no Brasil, eles têm uma função de arrecadação de donativos pra instituições de caridade ou para as igrejas. A maioria dos encontros têm esse objetivo. Os grupos giram nas suas comunidades recolhendo donativos e no dia 06 de janeiro, geralmente, eles vão fazer o que chamam de entrega numa igreja ou numa entidade beneficente. Aqui a gente procurou dar esse outro perfil de valorizar também a questão artística e cultural implícita nessa manifestação.

Domingos: E tem também outra vereda aqui sua, a questão de ser produtor, você faz produção musical. Como é isso?

Volmi: Pois é. Volto sempre a falar daquela questão do meu sentimento de valorização dessa manifestação. Ao perceber essa deficiência nesse meio, porque, vou citar o Zé Mulato e Cassiano, que é o produto, vamos dizer assim, que eu trabalho há muitos anos. Quando eu conheci eles, como eu falei, eles ficaram em torno de quinze anos sem gravar. E ia acabar, é uma dupla de violeiros fantástica, mas ia acabar, porque faltava nesse meio uma produção, alguém que tomasse conta dessa parte de promover, de divulgar o artista em si. E eu acabei me empolgando por essa necessidade, inclusive com o Zé Mulato e Cassiano, eu comecei a acompanhar eles mais por ser fã mesmo. E chegou um momento que eu vi a necessidade de profissionalizar isso. Então criei uma empresa que é a VBS Produções, que chama Viola Brasileira Show, até usei essa palavra inglesada mais para encaixar dentro de um marketing, porque também são as siglas do meu nome. Viola, meu nome é Volmi, então a primeira letra; meu sobrenome é Batista, então VB, e Silva, meu nome é Volmi Batista da Silva. Então eu criei VBS, Viola Brasileira Show, aí eu tive que usar a palavra show pra encaixar nesse marketing! E essa empresa passou a cuidar dos negócios do Zé Mulato e Cassiano. Eles tinham sido contratados, como eu falei anteriormente, pela gravadora Velas pra fazer dois álbuns, que foi o “Meu céu”, que saiu em 1997, em 1998 ganhou o Prêmio Sharp. E depois saiu o “Navegante das Gerais”, em 1998. Acabou o contrato com a Velas e aí a gente resolveu: vamos produzir independente. Porque as outras gravadoras na época, que

poderiam abrigar o trabalho deles tinham intenção de influenciar eles para outros gêneros. Queriam que eles fossem mais, vamos dizer assim, “sertanejo”, como se está usando hoje o termo sertanejo. E eles já tinham parado de gravar nos anos oitenta por conta disso. Foi a época que surgiu Milionário e José Rico, Trio Parada Dura, João Mineiro e Marciano. E eles tinham potencial, mas eles não se prostituíram, entre aspas, nesse sentido. Então eles preferiram não gravar do que gravar esse gênero, que vinha muito com baladas, uma linguagem mais romântica, falando mais de temas amorosos do que de temas da cultura brasileira mesmo. (...) Eu senti então a necessidade de profissionalizar esse segmento e criei essa empresa VBS Produções. Na época, inclusive até me empolguei, comecei a pensar que seria possível produzir outros violeiros, além do Zé Mulato e Cassiano, que estavam precisando também dessa assessoria, desse tipo de trabalho e comecei... Então eu lancei a dupla Vanderley e Valtecy, lancei a dupla Fernando e Osmair, lancei assim, gravando disco deles, produzindo os discos deles, mas foi curta essa minha empolgação. Rapidamente eu percebi que era um trabalho bem mais complicado, trabalhar com essa coisa de produção de discos e assessorar, agenciar artistas. Porque existe um egoísmo muito grande nesse meio, infelizmente. A gente tem informações, por exemplo, que Tonico e Tinoco, a dupla Tonico e Tinoco foi dos artistas brasileiros que mais vendeu disco no Brasil. Está aí entre os três primeiros em termos de vendagem de discos no Brasil, competindo com Roberto Carlos, com outros artistas midiáticos. Tião Carreiro e Pardinho e muitos outros, mas existe esse mistério aí que eu atribuo a uma questão de egoísmo, e cultural mesmo, que os artistas e a música não alcançam mídias porque as pessoas são muito... Pelo próprio gênero de ser caipira. Então são tímidas, são geniosas, entendeu? Não aceitam determinadas questões que às vezes nem vai macular a imagem ou a cultura, ou a tradição de ser caipira, mas eles acham que não devem se envolver nisso, naquilo. Então, eu percebendo isso, eu resolvi ficar trabalhando nessa área de produção, de agenciamento só com o Zé Mulato e Cassiano mesmo. Mais por uma parceria e por uma necessidade mesmo de manter eles em atividades, no mercado, do que financeiramente, vamos dizer assim. Aproveitando o trabalho que a gente já vinha fazendo com o Clube do Violeiro, começamos a também trabalhar com projetos culturais, com projetos buscando as diversas formas de financiamento da cultura que existem e que no geral os caipiras, o movimento, [somente] um ou outro mais “plugado” no mundo digital, informatizado, conseguia. Então, através da empresa, da VBS e do Clube do Violeiro, também começamos a entrar nesse mercado de projetos culturais. A gente conseguiu, além dos encontros, produzir DVDs e CDs com recursos aí do IPHAN, do Ministério da Cultura, a gente conseguiu alguns projetos. Inclusive até fora de Brasília, buscando parcerias, [como] o Sebastião Rios, que é um professor da universidade, hoje ele está na Universidade de Goiás, mas ele trabalhou aqui em Brasília. Ele é antropólogo e juntos a gente conseguiu produzir um DVD de Congadas, de Moçambique e Congadas, de Folias de Reis. A gente produziu também um trabalho oriundo do Encontro de Folias, que é o álbum “Tradição e fé”, que são dois, são dois CDs que a gente registrou dentro do Encontro de Folias, que inclusive o Roberto Corrêa foi quem fez a captação de áudio desse trabalho. E a gente vem tentando fazer, a gente tem muito material. O Clube do

Violeiro e a VBS juntos têm muito material captado pra produção de audiovisual, de áudio só também. O que falta é oportunidade. Esse é o meu trabalho nessa área. Em consequência desse envolvimento empresarial, vamos dizer assim, eu acabei abandonando um pouco a minha verdadeira vocação que era cantar e tocar! *[Risos.]* Tanto é que nos meus projetos, nos nossos projetos de encontros mesmo, agora há pouco tempo que eu comecei a participar como tocador e cantador. Mais de dez anos eu fiquei sem tocar. Eu mantinha minha dupla com Aparício Ribeiro, a gente acabava fazendo mais um trabalho informal, até tocava apresentação e tal. Mas o trabalho de produção dos eventos acabava me tirando a possibilidade de participar como tocador e cantador. Agora, de algum tempo pra cá estou começando a voltar. Gravei um CD com o Aparício, mais também para registrar uma história que a gente teve junto. E agora a gente parou a dupla e eu estou tentando começar um trabalho solo. Mas também ainda muito devagar por conta que eu continuo ainda muito envolvido na produção. Estou tentando passar a bola pra frente aí, mas por enquanto ainda estou dedicando muito a isso e menos na função de tocador e cantador.

Domingos: Falando no começo, voltando um pouquinho, em ser candango... Pra você, o que é ser candango?

Volmi: Eu acho que ser candango, primeira coisa é gostar daqui. Gostar do clima, gostar dessa convivência com essa diversidade étnica e cultural que representa o Distrito Federal. A gente costuma dizer que Brasília, existe inclusive essa confusão... Às vezes você fala Brasília, às vezes você fala Distrito Federal. Não é? Mais comum é tratar isso aqui, o estado como Brasília. Então a gente costuma chamar Brasília de uma “arca de Noé cultural”. Então isso é uma vantagem, mas é um risco que muita gente inclusive cai. É um abismo que muita gente cai que é perder a identidade, porque quando você é de um local e você vive naquele lugar sempre, você tem uma identidade ali. E aqui em Brasília o difícil é você manter sua identidade porque você convive nessa arca cultural que é Brasília. Então muitas pessoas, a gente conhece aqui, acaba perdendo essa identidade. E aí tem essa dúvida... Você perguntou o que é ser candango? Então a pessoa fica assim, o que eu sou realmente? Porque às vezes você fala um sotaque carioca, você fala um sotaque nordestinado, um sotaque gaúcho, você tem tudo isso aí, sotaque mineiro, goiano. Eu acho que ser candango é isso, ser candango é ser todos os sotaques. Acho que é isso, candango é você conseguir assimilar todos os sotaques brasileiros aqui. E principalmente, no meu caso, como falei, mineiro sai de Minas mas Minas não sai do mineiro. Então eu acho que eu consigo manter isso, consigo manter a minha mineirice e também consigo conviver muito bem com essa diversidade aqui. Como falei até muitas vezes [sobre Brasília ser chamada de “Capital do Rock”]... Quando eu falo sobre isso muita gente leva a mal, achando que eu não gosto, por exemplo, de rock’n roll. Muito pelo contrário, eu gosto, inclusive estou com projeto de fazer um disco chamado “Rock Rural”. Eu quero dedicar um trabalho a esse gênero. Pelo reconhecimento que eu tenho pelo gênero do rock’n roll e de outros, do reggae, a música estrangeira, de maneira geral, sendo boa não tem porque você não gostar e nem porque não assimilar. E aqui em Brasília a gente já tem, por exemplo, o Marcos Mesquita e o Vitor

[Mesquita], pai e filho, um trabalho com viola em cima do rock'n roll. Você tem o Cacai Nunes, por exemplo, que já inclui um pouco da linguagem nordestina na viola caipira, porque tem a viola nordestina, mas o Cacai, por exemplo, faz um trabalho envolvendo a viola caipira com a linguagem musical nordestina. Você tem o Roberto Corrêa, que trabalha em cima do clássico, mais ou menos, da música clássica, ele desenvolve muito bem esse trabalho. Então hoje a viola é isso, a viola caipira, a música de maneira geral é isso. É você entender o que é bom e apreciar e desenvolver, trabalhar em cima disso.

Daniel: Como era Brasília quando você chegou aqui?

Volmi: Já quando eu cheguei aqui, em 1971, Brasília já apresentava essa diversidade. E era uma cidade muito dura, muito difícil de se viver na época aqui. Era uma cidade que não tinha uma infraestrutura boa, porque eram apenas onze anos quando eu cheguei aqui. Brasília tinha apenas onze anos e a gente foi morar em Taguatinga, era muito barraco de madeira. Brasília, tirando o plano piloto, praticamente, o resto, as cidades satélites, era basicamente barracos de madeira. Então a gente morava muito mal e o povo era muito rústico... Havia muita construção ainda, eu cheguei a trabalhar, era menino ainda com 14 anos. Na época não era menino mais. Hoje é ainda, 14 anos é menino. E eu cheguei a trabalhar na construção civil aqui. E a gente era uma família muito pobre, meu pai trabalhava também na construção civil, era servente de pedreiro e tal. Eu não pude estudar muito, não consegui estudar, tinha que trabalhar para ajudar a família. Ao mesmo tempo, [Brasília era] uma cidade que começava a exigir, até hoje ela exige um certo padrão social... Você começa a querer crescer, querer ter um padrão, e aí isso acabou me obrigando a ser mais trabalhador do que estudante. Então nesse sentido que eu digo, Brasília era muito cruel, sabe? Brasília, no início, nessa época, era uma cidade cruel. E tinha também esse aspecto que eu já falei da discriminação, da discriminação social, segregação, porque tinha os ricos e os pobres. Brasília trouxe muita gente rica pra cá também, que veio do Rio de Janeiro, os funcionários públicos, que tinham um padrão de qualidade de vida lá em cima, enquanto a maior parte da população era realmente pobre. Mas ao mesmo tempo Brasília também dava oportunidade pra quem sabia. Pra quem conseguia pegar essas oportunidades, Brasília dava muita oportunidade. Infelizmente, ou felizmente talvez, eu não reclamo, não tenho nada a reclamar, mas o meu pai é uma figura muito simples, simples mesmo e muito honesta. Então ele não soube ou não quis aproveitar as oportunidades em termos de sociais que Brasília dava, em termos de crescimento assim, de ter bens. E eu sou um pouco disso também, nunca liguei muito. Acabei me envolvendo também nessa época pra cá, na época de fazer teatro, de lidar na área do cinema, da música, eu acabei me envolvendo num sentimento socialista. Então eu me considero um socialista, sempre fui, desde que eu adquiri uma consciência política eu aderi a esse sentimento socialista. E talvez por isso também eu procurei ser não ligado às questões materiais, me ligar mais às questões imateriais e a cultura faz parte disso. Arte e cultura fazem parte desse sentimento imaterial que eu tenho. Mas falando de Brasília, acho que Brasília não mudou muito da época que eu cheguei pra cá. Brasília continua sendo fria, calculista e mal intencionada! *[Risos.]*

Domingos: Dessas obras, dessas casas, barracos, você lembra de algum caso, algum acontecido assim, que marcou?

Volmi: Era um favelão. Brasília era um favelão. Eu acho que o que marcou muito nessa época era as mudanças. Era mudar. Eu morei em Taguatinga dez anos. Então nesses dez anos a gente deve ter mudado de barraco umas dez vezes. Então isso era uma coisa muito comum, porque era tudo provisório, as moradias eram provisórias... Apesar de que eu já era meio acostumado com isso lá em Minas, quando menino. Também porque já era acostumado com esse negócio de não ter moradia fixa, porque meu pai era agregado de fazendas e então era muito comum isso, ficar, trabalhar num lugar, morar num lugar. Tanto é que, antes de chegar em Brasília, eu morei em três cidades: Coromandel, Vazante e Paracatu, na minha trajetória pra cá. Então esse negócio de mudar não era muito diferente pra mim não. A precariedade... Uma coisa que não esqueci até hoje, duas coisas diferentes: meu pai me levou pra trabalhar logo, assim que cheguei. Uns dois dias depois que eu estava em Brasília meu pai me levou pra trabalhar numa construção civil. Mas não pra trabalhar na obra em si, mas numa lanchonete lá. E aí nunca me esqueço disso, que eu fui num caminhão que transportava os operários. E era um caminhão que tinha uma cobertura, o típico pau-de-arara, cheio de homens. Tinha duas fileiras de homens, uma fileira sentada e uma fileira em pé. E eu fui sentado no meio, eu ia sentado no assoalho do caminhão, viagem de Taguatinga pro Plano Piloto, dá em torno de trinta quilômetros. Aquele aglomerado era uma coisa impressionante, que eu acho que só quem viveu aquilo que tem uma noção do que era aquilo. Outra coisa que me marcou muito era como as pessoas eram tratadas aqui em termos de saúde. Eu, por exemplo, tive meus dentes praticamente todos arrancados. Porque era uma prática que se tinha aqui em Brasília, que existia um centro do INPS na época, que era um centro de extração de dentes. A minha família, eu que era o filho mais velho, meu pai, minha mãe, tiveram os dentes praticamente todos... Meus pais tiveram os dentes todos arrancados. Porque não tinha orientação de tratamento. Então uma coisa que dessa época me marcou muito, nunca esqueci disso. Porque era uma coisa que não sei nem como falar, um genocídio dentário, sabe? Eu ficava impressionado com aquilo, não queria perder meus dentes, mas eles tiravam, eles forçavam, muitas vezes. Meu caso mesmo, houve vezes de você estar sentindo dor em um dente, eles tiravam outro. Isso era uma coisa comum na geração daquela época, sabe? Essas coisas me marcaram. No mais foi muito bom para mim ter vindo morar em Brasília, porque lá onde eu morava eu não teria tido acesso a essas informações tipo arte, por exemplo, o teatro. E voltando a falar de Taguatinga, de quando cheguei lá, tive a felicidade também de morar próximo do SESI. Tinha esses espaços pra você, pra arte. E consegui muito timidamente, como eu era mineirinho... Mas eu consegui, fui me aproximando, me identifiquei com aquilo e tive essa oportunidade. Ali foi que ampliou a minha mente com relação à arte e à cultura. E teria chegado mais além talvez... Mas aconteceu também um fato, que foi importante na minha vida, de eu ter virado pai, em 1980 nasceu a minha filha. É a única que eu tenho também. E aí a minha vida mudou radicalmente, eu tive que abandonar esse viés que eu vinha seguindo, da arte e da cultura. Eu já estava como cineclubista, estava também já entrando na área do cinema propriamente

dito. Eu cheguei a fazer ponta, cheguei a fazer figuração em filmes como no *Bye Bye Brasil*, por exemplo, um filme do Cacá Diegues. Eu não apareço no filme, mas eu fiz! A gente tinha um grupo de teatro e eles convocaram a gente pra ser figurante no filme. A cena que fiz infelizmente não foi incluída na edição do filme *[Risos.]* Mas eu estava entrando nessa área. Participei na época da audição do filme que o Oswaldo Montenegro estava fazendo, que ele convocou vários atores de Brasília, porque ele estava montando um espetáculo teatral que até depois virou filme. Cheguei a participar também da audição desse espetáculo mas, enfim, quando minha filha nasceu resolvi me dedicar a ela, tentar construir uma família e tal. E cheguei a mudar de Brasília, fui morar na Cidade Ocidental porque lá a gente tinha facilidade de ter uma boa casa. Porque aqui a gente não tinha. Aqui, o padrão de vida, o custo de vida aqui já era muito alto. Então mudei pra Cidade Ocidental porque lá eu tinha uma casa de alvenaria, direitinho e tal. Morei quatro anos lá. Mas pra mim era dormitório, porque eu trabalhava aqui no Plano Piloto. Minha vida social era aqui, eu tocava nos barzinhos... Na época tinha um projeto muito bacana que era Feira de Música, que acontecia no antigo Teatro Galpão, que hoje é o espaço Renato Russo. Antigamente ali se chamava Teatro Galpão, inclusive a Secretaria de Cultura era lá na época. E tinha esse projeto que chamava Feira de Música e onde eu tocava de vez em quando, conseguia uma brechinha e tocava. Mas tocavam artistas importantes, Milton Guedes, Oswaldo Montenegro, os irmãos Ferreira, Clodo, Climério e Clesio, o menino do reggae aí, o Renato Matos. Então era um espaço onde os artistas de Brasília mesmo se apresentavam, o Roberto Corrêa se apresentou lá também. E eu me apresentava. Então a Cidade Ocidental, pra mim, era praticamente uma cidade dormitório, mas minha vida era Brasília mesmo, Plano Piloto.

[Afina a viola.]

Volmi: Porque hoje, na música caipira, a viola tem muita gente tocando, principalmente jovens. Mas a tônica tem sido o pagode. É o pagode de viola, criado pelo Tião Carreiro, ele realmente empolga e hoje na música todo mundo quer tocar pagode. Eu fiz um valseado que é um ritmo que praticamente hoje ninguém toca. Hoje é pagode, cururu, querumana e tem muitos ritmos. A música caipira é composta de dezenas de ritmos diferentes. Geralmente eu procuro cantar coisas menos conhecidas, não canto muito os clássicos. Eu acho que é importante principalmente cantar coisas de domínio público. Eu fiz um valseado, chama *Abaeté*. Eu fiz em homenagem ao Renato Andrade, que ele era da cidade de Abaeté, em Minas Gerais.

[Toca na viola caipira a música instrumental “Abaeté”, de sua autoria].

Volmi: Só um pouquinho porque realmente eu não estou tocando muito!

Domingos: O que te inspira a compor?

Volmi: Eu, na verdade, não sou compositor. Costumo dizer que eu sou mais cantador do que tocador. A viola pra mim... Como te falei, não estudei muito e não tenho me dedicado à viola. Agora é que estou querendo mesmo me dedicar à viola. Mas eu me dedico mais a

cantar coisas de domínio público. Então não sou um compositor, faço algumas coisinhas, mas inclusive até para escrever, sou um poeta inacabado, um poeta do inacabado. Escrevo muito - inclusive estou com um livro de poesia para lançar -, mas sempre poesias inacabadas e músicas também. Então eu faço trechinhos assim, mas nunca faço uma coisa que considero que seja uma obra finalizada.

[Toca na viola caipira trecho da música instrumental “Cateretê”, de sua autoria e “Louvandrê”, de sua autoria.]

Domingos: Tem uma música que você goste de cantar, que poderia nos apresentar?

Volmi: Tem muitas... Tem um projeto que eu pretendo fazer que deve chamar “Caboclo”.

[Toca na viola caipira a música “Pau pereira”, composição de domínio público:]

*Pau pereira, pau pereira é um pau de opinião
Todo pau flora e cai, só o pau pereira não
Pau pereira, pau pereira é um pau de opinião
Todo pau flora e cai, só o pau pereira não
Capim da lagoa já cresceu, amarelou veado comeu
Capim da lagoa já cresceu, amarelou veado comeu
Canoeiro, canoeiro, quê que traz nessa canoa
Trago prata, trago ouro, trago muita coisa boa.*

Volmi: Por aí. É uma música também que é uma música infinita, você pode ir colocando versos. Que é um “Batuque da Rainha”. Existe aqui só na região da Chapada dos Veadeiros, de Cavalcanti, Alto Paraíso, por ali. E ela tem várias cantorias no batuque. E aí tem a sussa, tem os calangos... Esse disco “Caboclo” é um disco que vai ter um outro título, que pode ser também que se chame “Batuques e calangos”, mas acho que vai ser um subtítulo. E eu quero gravar o canto das fiandeiras também, não sei se você conhece...

[Toca na viola caipira a música instrumental “O canto das fiandeiras”, composição de domínio público:]

*A roda que eu fio nela, ô baiana, ooi aiai
É só eu que ponho a mão, ô baiana, ooi aiai
E também minha cunhada, ô baiana, ooi aiai
Que é mulher do meu irmão, ô baiana, ooi aiai.*

Volmi: São coisas assim que vão compor esse trabalho, entendeu? E o “Rock Rural”, que é outro projeto que estou começando também, que devo fazer em parceria com um conterrâneo meu lá de Minas, lá de uma cidade que chama Guarda-mor, mas ele mora em São Paulo, que é o Galba. O Galba teve uma banda chamada “Mina das Minas”, já existe a banda mas não está muito em atividade. Uma música dele, inclusive, deve entrar nesse disco, que chama “Um lugar”:

[Toca na viola caipira a música instrumental “Um lugar”, composição de Galba:]

*Há um lugar que você não conhece
longe do mar mas bem perto do céu
Tem um luar dá pra contar as estrelas.*

Volmi: Então é mais ou menos o ritmo do rock rural. E tem uma outra também que é assim:

[Toca na viola caipira e canta a música “Cavaleiro das noites sem lua”, composição de Divaney:]

*Minhas virtudes são minhas
Meus defeitos também
Meus desacertos assumo
Erros quem é que não tem?
Mas vou levando a vida assim
Está de bom tamanho pra mim
Não é preciso toda luta vencer
Mas é necessário ir até o fim
Um sonho pra se realizar
É preciso sonhar.*

Volmi: Esse é um rock rural. Aí vai entrar tipo “Serafim e seus filhos”, que é um rock rural, não sei se você conhece? Mas que não foi enquadrado dentro desse perfil. Eu sou muito fã de uma dupla que chama Sá e Guarabira, que se dedicou muito a esse estilo, rock rural. Eles cantam MPB de maneira geral, mas dedicaram muito a esse estilo, rock rural, que está bem esquecido também. *[Dedilha a viola]* Não tem como você viver nesse lugar aqui no planalto central e não absorver essa atmosfera que existe aqui. O planalto central é um dos lugares mais bonitos do Brasil, sem dúvida, mais interessante. O clima é bom e a natureza de maneira geral, os elementos dessa região aqui. Eu acho que Brasília até veio a atrapalhar aqui. Ter construído Brasília nesse lugar, culturalmente falando... Inclusive falando, por exemplo, da questão dos violeiros e das manifestações de cultura popular daqui... Brasília foi um desastre. Porque as Folias de Reis e as Folias do Divino já existiam aqui muito antes da construção de Brasília. Eu costumo sempre falar isso, então Brasília fez isso ficar um pouco esquecido, soterrou de certa forma, durante muitos anos. Então o meu trabalho, na questão da realização do Encontro de Folias de Reis, vem muito de encontro a isso também, de trazer à tona essas manifestações de cultura popular que já existiam aqui antes da construção de Brasília. Então, culturalmente, posso dizer que talvez Brasília foi um pouco desastrosa pra essa região. Por outro lado, agora, neste momento a gente tem conseguido formas de trazer de volta, de mostrar isso. Eu acho que foi ruim até por essa questão de ter permitido criar, por exemplo, um rótulo de capital do rock, com a capital do rock no centro do país, sabe? Num local riquíssimo em tradições, em manifestações culturais. Inclusive até pela proximidade aqui, por exemplo, com a Chapada dos Veadeiros, que é uma região de

quilombos, com a cultura fabulosa, uma coisa pouco conhecida do Brasil. A proximidade com as cidades históricas como Pirenópolis, até o próprio Goiás Velho, Luziânia, imagina o que era isso aqui, o que era isso aqui culturalmente. Aí vem de repente, constrói uma capital e vem um monte de filhos de militares pra cá com muito dinheiro, com capacidade de importar instrumentos eletroeletrônicos e cria a capital do rock. Aí diz não, aqui é a capital do rock, aqui não tem mais Folia de Reis, sabe? Não tem mais Catira, não tem mais Folia do Divino. Então aqui agora é só o que manda é o rock. Então nesse sentido eu acho que foi muito ruim, mas eu acho que agora as coisas estão mais claras. Estamos conseguindo reverter esse panorama. Não que Brasília tenha sido, ou tenha que deixar de ser capital do rock. Eu acho que é também, mas não é só isso. E durante muitos anos, uns vinte anos pelo menos, Brasília foi massacrada com essas rotulações, sabe? Essa questão de rotulação. Agora, eu gosto muito daqui. Por isso que eu falei: pelo meio ambiente que a gente tem aqui, o verde, por esse contato com a natureza, com a fauna, com a flora. Aqui você tem, te permite esse relacionamento, te permite relacionar com esse universo também. Inclusive, falando de alimentação, por exemplo, Brasília te permite uma diversidade desde o comer até no pensar. Então é muito bom, muito importante.

Daniel: Tem guizo na tua viola?

Volmi: Nessa não. Em outras tem. Mas isso é irrelevante. Aliás, é e não é. Essa coisa das superstições que envolvem a viola... É porque se a gente for falar, ficaria aqui uma semana falando de tudo isso, desse universo de cultura. E principalmente de música e viola caipira. Essa questão das superstições é importante sim, sem dúvida, no contexto, mas é de acordo também com as pessoas que mantêm essas superstições ou não. Eu sou supersticioso, eu tenho guizo de cascavel. Mas eu vou mais no sentido de uma coisa mais ampla das superstições. Não só o guizo de cascavel, porque quem tem superstição do guizo é só aquela superstição, mas a viola... Como eu contei a história dessa viola aqui, é uma superstição. Conte a história dessa minha viola, é uma superstição. É um fato real. Foi um fato real que aconteceu comigo, mas me remete também a várias superstições. Por exemplo, essa coisa do mestre Tieli tocar na viola sem corda e eu escutei o som... Eu escutei o som da viola e ela não tinha corda. Então isso entra dentro desse universo da superstição, que envolve, e por isso é que a viola é esse instrumento mágico. Porque ela tem todas essas coisas brasileiras em torno dela. As fitas, por que as fitas? O que são as fitas? O que é o guizo de cascavel? O que são as coisas de “estralar os dedos”... Entendeu? Então é isso que torna a viola esse instrumento maravilhoso, mágico... Do Brasil e genuinamente brasileiro. Genuinamente, porque eu inclusive não gosto de voltar a essas coisas de origem da viola de Portugal. Eu acho que uma coisa foi a viola de Portugal, outra coisa é a viola brasileira. A viola que existiu em Portugal séculos passados é a mesma viola. No Brasil, não. Hoje nós temos pelo menos umas cinco violas diferentes no Brasil, que são violas brasileiras. Então não tem nada a ver. Veio? Veio. Tem uma origem? Tem. Mas tem que esquecer isso. Nós temos que esquecer isso e focar no instrumento que é genuinamente brasileiro que é essa viola.

Domingos: O que é isso de estralar os dedos, esse eu não conhecia não, o que é?

Volmi: É, tem a superstição, a história de que o violeiro... Uma das formas de aprender a tocar viola é você ir no cemitério na sexta-feira, se possível sexta-feira da Paixão, enfiar a mão... Você não precisa entrar no cemitério, basta você enfiar a mão pelo portão, pelas grades do portão do cemitério, e fazer uma oração invocando a alma de um violeiro. E ele vem e puxa seu dedo até estralar. Puxa cada um dos dedos de uma mão, depois você coloca a outra, aí você sai dali... Você já é um violeiro. E aí normalmente os violeiros estralam. Eu não estralo os dedos, mas geralmente os violeiros estralam os dedos. Tem uma forma assim que estrala, eu não estralo... Mas os violeiros que estralam os dedos geralmente fizeram essa simpatia. Chama simpatia.

Domingos: A sua viola tem nome?

Volmi: Não. Minhas violas não têm nome, as suas têm?

Domingos: A minha tem.

Volmi: Nome o quê, de mulher?

Domingos: É, nome feminino, vamos dizer assim.

Volmi: *[Risos.]* Não deixa de ser uma superstição também, não é?!
